

DESENHO UNIVERSAL DE APRENDIZAGEM

O diploma do regime jurídico da educação inclusiva enuncia um conjunto de princípios, práticas e condições de operacionalização da educação inclusiva que resultam de opções teóricas e metodológicas, designadamente a abordagem multinível e o desenho universal para a aprendizagem. Estas abordagens devem ser consideradas de forma integrada, articulada e flexível, constituindo-se como guias de apoio à ação das escolas na operacionalização do diploma ao nível da comunidade, da escola e da sala de aula.

A abordagem multinível, entendida como um modelo compreensivo de ação, de âmbito educativo ao nível da escola, orienta-se para o sucesso de todos e de cada um dos alunos através da organização de um conjunto integrado de medidas de suporte à aprendizagem.

Os princípios subjacentes à abordagem multinível são os seguintes:

- uma visão compreensiva, holística e integrada;
- uma actuação proativa e preventiva;
- uma orientação para a qualidade e eficácia dos processos;
- uma estruturação dos processos de tomada de decisão em função dos dados.
- Partindo dos princípios de base à abordagem multinível, importa identificar as suas principais características distintivas:
 - a organização multinível das medidas de suporte à aprendizagem;
 - a determinação de um contínuo de medidas de suporte à aprendizagem;
 - o enfoque no currículo e na aprendizagem;
 - a opção por práticas que sejam teórica e empiricamente sustentadas;
 - a organização de processos sistemáticos de monitorização.

Uma das características deste modelo é a organização por níveis de intervenção. Estes níveis variam em termos do tipo, intensidade e frequência das intervenções e são determinados em função da resposta dos alunos às mesmas.

O desenho universal para a aprendizagem apresenta-se como uma opção que responde à necessidade de organização de medidas universais orientadas para todos os alunos.

Tornar a vida das pessoas mais simples. Esse foi o objectivo que inspirou um grupo de arquitectos dos anos 1970 a criar um conceito chamado Desenho universal. Essa abordagem se baseia na visão de que o design dos ambientes e dos produtos pode ser previamente pensado de forma a permitir o uso por parte do maior número possível de pessoas, sem que haja a necessidade de adaptações posteriores.

É interessante frisar que a origem de tal concepção não decorre somente da busca de respostas para demandas sociais de sectores que reivindicavam a plena participação de todos. Havia também uma percepção de que adaptações não planeadas voltadas à acessibilidade de prédios ou residências, eram caras, esteticamente feias e reforçavam o rótulo de “incapacidade” das pessoas com deficiência. Por outro lado, ficava evidente que tais ajustes acabavam beneficiando uma ampla gama de pessoas, dos mais variados perfis e idades.

Anos mais tarde, esse movimento influenciou professores provocados pelo desafio de leccionar para turmas cada vez mais heterogêneas e num ambiente pautado por altas expectativas de aprendizagem. Como garantir acesso aos conteúdos curriculares para estudantes que se diferenciavam em termos de habilidades motoras, intelectuais e sensoriais? Como as novas tecnologias poderiam contribuir para o endereçamento desse desafio? Surgia, então, o Desenho universal para aprendizagem (DUA), creditado a um grupo de professores da Universidade de Harvard, liderado por David Rose.

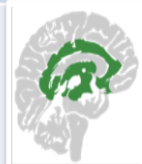
Definindo-se como um modelo estruturante e orientador na construção de ambientes de aprendizagem acessíveis e efectivos para todos os alunos, constitui uma ferramenta essencial no planeamento e acção em sala de aula.

O desenho universal para a aprendizagem assenta em três princípios base, que suportam um conjunto de orientações para tornar as salas de aula mais acessíveis a todos os alunos:

- *proporcionar múltiplos meios de envolvimento;*
- *proporcionar múltiplos meios de representação;*
- *proporcionar múltiplos meios de acção e expressão.*

A aplicação em sala de aula dos três princípios expressos contribui para a criação de ambientes de aprendizagens acessíveis e desafiantes para todos os alunos pelo que devem ser considerados na planificação das aulas. Neste enquadramento, a planificação das aulas deve enquadrar diferentes componentes: objectivos, métodos, materiais e avaliação.

DESENHO UNIVERSAL DA APRENDIZAGEM

Redes de Reconhecimento	Redes de Estratégia	Redes Afetivas
Aprender o QUÊ	Aprender COMO	Aprender POR QUÊ
		
Como reunimos factos e categorizamos o que vemos, ouvimos e lemos. A identificação de letras, palavras ou o estilo de um autor são tarefas de reconhecimento.	Planear e desempenhar tarefas. Como organizamos e expressamos as nossas ideias. Escrever um texto ou resolver um problema de matemática são tarefas estratégicas.	Como os alunos se empenham e se mantêm motivados. Como reagem aos desafios, se estimulam e interessam. Estas são dimensões afetivas.
➡ Apresente a informação e os conteúdos em diferentes formatos	➡ Diversifique os modos como os alunos podem expressar o que sabem	➡ Estimule o interesse e a motivação por aprender
Mais formas de promover Múltiplos Meios de Representação	Mais formas de promover Múltiplos Meios de Ação e Expressão	Mais formas de promover Múltiplos Meios de Envolvimento

Fonte: CAST: What is UDL? (<http://cast.org/research/udl>)

Princípio 1. Proporcionar múltiplos meios de representação (“o quê” da aprendizagem):

Considerando que os alunos diferem no modo como compreendem a informação, não existe um meio de representação ideal para todos os alunos. Cada turma é constituída por alunos que apresentam características diversas, nomeadamente em termos de background cultural, de compreensão da informação, de formas privilegiadas para

aceder e processar a informação (auditiva, visual, cinestésica), que traduzem necessidades diferentes de acesso aos conteúdos. Assim, para tornar a informação acessível, é essencial fornecer múltiplas opções relacionadas com a representação e apresentação da informação.

Princípio 2. Proporcionar múltiplos meios de acção e de expressão (“o como” da aprendizagem):

Este princípio pressupõe que os alunos diferem no modo como podem participar nas situações de aprendizagem e expressar o que aprenderam. Por exemplo, a realização de actividades de escrita manual para alguns alunos que apresentem limitações motoras pode constituir uma barreira à sua participação e aprendizagem. Outros alunos que revelem dificuldades de organização necessitarão de diferentes suportes à aprendizagem. Assim, é necessário que o professor possibilite a utilização de processos e meios diversificados que permitam a participação nas situações de aprendizagem, bem como a manifestação das competências aprendidas. Neste contexto, o processo de avaliação dos alunos deve ser coerente, quer com o modo como cada um se envolve na aprendizagem, quer com a forma como revela o que aprendeu.

Princípio 3. Proporcionar múltiplos meios de envolvimento (“o por quê” da aprendizagem):

Reconhecendo que os alunos diferem nos seus interesses e na forma como podem ser envolvidos e motivados para a aprendizagem, os professores organizam o processo de ensino e aprendizagem equacionando múltiplas opções para envolver e motivar os alunos.

Resumindo, o DUA trata-se de um modelo prático que visa ampliar as oportunidades de desenvolvimento de cada estudante por meio de planeamento pedagógico contínuo, somado ao uso das tecnologias.